

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

PIANACCI, R. E., *Antígona: una tragédia latinoamericana*, Irvine, Ediciones de Gestos: Colección Historia del Teatro 12, 2008, 195 pp. ISBN: 978-0-9749239-3-2.

Rómulo Pianacci contempla neste título um variado *corpus* de produções dramáticas ilustrativas da pervivência da *Antígona* sofocliana em contextos distintos: nele se incluem obras europeias da primeira metade do século XX e, em especial, a produção latino-americana compreendida entre 1952 e 2004.

De modo oportuno, o autor recorda o mito tebano, as primeiras referências literárias à casa dos Labdácidas e múltiplas interpretações da lenda, em particular o conflito resultante do confronto dialéctico homem/mulher, bem como perspectivas feministas de leitura da figura de Antígona. Valorizando sobretudo a relação entre texto e contexto respectivo, enfatiza desde logo o entendimento peculiar latino-americano de Antígona, seja no destaque concedido à filha de Édipo enquanto personagem que não permite o esquecimento dos mortos, seja na identificação de Polinices com os marginalizados e desaparecidos.

Numa retrospectiva da presença de Antígona na produção greco-latina, destaca o protagonismo concedido à personagem por Sófocles. Admite porém sem qualquer reserva a autenticidade da intervenção da filha de Édipo no final dos *Sete contra Tebas* de Ésquilo, ponto de vista polémico.

Num capítulo intitulado ‘Algumas notáveis *Antígonas* europeias (1922-1955)’, opta por concentrar a atenção no *corpus* canónico mais difundido na América Latina, elencando diversas leituras do mito em Espanha, para concluir, através da citação de María José Ragué Arias, que ‘a personagem grega mais utilizada no século XX no teatro espanhol é sem dúvida Antígona’, seja como ‘símbolo de uma ideologia progressista’, seja ‘como símbolo católico com conotações políticas de direita’, seja como ‘símbolo de rebeldia e de desejo de paz face à injustiça do tirano’, seja também como ‘vítima inocente da luta clandestina num regime ditatorial que morrerá sem julgamento’, seja ainda como ‘modelo cultural hippie contra o capitalismo consumista dos anos 60’, ou como ‘personagem comprometida com a luta geracional’. Neste périplo por *Antígonas* europeias, R. Pianacci detém-se na de Jean Cocteau (1922), na de Salvador Espriu (1939), na de Jean Anouilh (1942), na de Bertold Brecht (1945) e na de José Bergamín (1955).

Na passagem para as versões latino-americanas, o autor prevê convenientemente uma breve introdução, na qual ora se refere ao facto de a

Europa continuar ainda na actualidade a ser o referente principal para diversos dramaturgos latino-americanos, ora insiste na influência do enquadramento político e sócio-cultural nas reescritas. Como afirma na página 76, ‘neste continente cheio de Creontes (...), não é estranho que se possam encontrar cerca de trinta Antígonas diferentes’, testemunhos simbólicos da relação opressão/ oprimido.

A viagem sugerida pelas distintas versões, editadas ou não, conduz R. Pianacci pela Argentina, pelo Brasil, pelo Chile, pela Colômbia, por Cuba, pelo México, pela Nicarágua, pelo Peru, por Porto Rico, pela República Dominicana e pela Venezuela, num estudo favorecedor do estabelecimento de relações dialógicas entre as diferentes recriações consideradas e também entre estas e o original sofocliano. A acompanhar a descrição e o comentário a essas Antígonas, procede à inclusão adequada de elementos sobre o contexto de produção, bem como de indicações bio-bibliográficas e de características dos vários autores.

A terminar esta edição, um capítulo com conclusões pertinentes evidencia a conexão entre as variadas *Antígonas* Latino-americanas e experiências relacionadas com a história recente dos próprios países, que vivenciaram sistemas coloniais e regimes políticos impeditivos da liberdade.

Fontes primárias e vários estudos exibidos numa oportuna bibliografia final apoiam de forma documentada a investigação levada a cabo por R. Pianacci.

Bem delineado em termos estruturais, este é um volume com interesse na área da recepção do teatro clássico, que não só dá a conhecer múltiplas reformulações não europeias de um original do século V a. C., como também as coloca em diálogo, dando mostras efectivas de que o homem actual se revê nas questões, nos conflitos, nos temas suscitados pela Antiguidade greco-latina.

SUSANA HORA MARQUES

PITTALUGA, Stefano, *Scuola e trasmissione del sapere tra tarda antichità e Rinascimento* (a cura di). D.AR. FI. CL. ET. «F. Della Corte», 2009, 125 pp. IT ISSN 0025-0852.

Os estudiosos da história da cultura, globalmente considerada, sempre se questionaram, ao longo dos tempos, sobre o modo como o legado da